

Sarney pede apoio aos empresários

Miriam Leitão

O presidente José Sarney reuniu um grupo de empresários em torno da mesa de jantar no Palácio Alvorada na quinta-feira à noite. Escudado pelos ministros Carlos Sant'Anna e Mailson da Nóbrega, Sarney foi grave e traçou um quadro dramático da crise econômica e política brasileira. Abriu a noite ligando o vídeo-cassete para exibir seu próprio pronunciamento. Ao desligar o aparelho, justificou assim suas medidas:

— Ou eu faço isto, ou eu não governo.

E avisou que, além de uma dura lei de greve, tinha preparado também uma medida provisória contra o abuso do poder econômico.

A platéia se assustou. Um dos interlocutores quis saber se a proposta, considerada por ele como perigosa, era a Lei de Crime contra a Economia Popular que estava circulando. Sarney tranquilizou os presentes: tratava-se apenas de uma atualização das multas previstas na Lei Delegada número 4. Pareceu razoável aos empresários, mas eles dispararam críticas contra o congelamento. O empresário Sérgio Quintela, da Montreal Engenharia, alertou:

— É muito perigoso sair de um congelamento para uma administração de preços, porque é impossível controlar toda a economia.

Os empresários se sucederam em críticas ao congelamento, às proibições de repasses dos aumentos de custos para os preços e, por fim, às greves. "Quanto a isto houve unanimidade. Todo mundo concordou que não é possível suportar este estado de coisas", relatou um dos comensais. No jantar estavam ainda Felix Bulhões, da White Martins, Roni Lirio, da Sul-América, Sérgio Gregori, da Xerox, Firmino Freitas, da Brasox, dois Theófilos, o Orth da Abdib e

Azeredo Santos, da Associação dos Bancos, Antonio Oliveira Santos, Antonio Carlos Vidigal, da Coca-Cola, Giulitte Coutinho, João Santos, empresário pernambucano e até o general Meira Mattos.

O professor Octávio Gouveia de Bulhões, presente também à reunião, ouviu atentamente a discussão econômica que atravessou quase toda a noite. Quando Sant'Anna pôde falar de assuntos políticos, disse que este fim de semana será fundamental na vida do país, e fez a seguinte previsão: se o candidato do PMDB sair com o partido coeso, tanto melhor, do contrário, será necessário conseguir outro candidato que aglutine as forças de centro.

O presidente interferiu neste momento para pedir apoio aos empresários. Pela sua análise, apoiar o governo e concentrar esforços sobre um candidato de centro é a única forma de evitar a radicalização do país. E, em seguida, desfilou seu conhecido rosário de queixas. Contra a imprensa, que deveria apoiá-lo e não o faz. Contra a opinião pública, que o julga com mais severidade do que deveria. Sarney se disse injustiçado e incompreendido. Como de hábito. Tem sido difícil governar, explicou.

Mailson pegou a deixa. E explicou como a União tem enfrentado dificuldades crescentes na administração financeira do país, pela transferência exagerada de recursos para os estados e pela dualidade de poderes impostos pela Constituição. Dr. Bulhões fez uma interrupção e concordou:

— Com 90% da receita comprometida é mesmo difícil administrar o país.

Sarney aproveitou para dizer que as medidas provisórias que acabara de enviar ao Congresso eram fundamentais para administrar o país até as eleições e, novamente, pediu apoio.

Dr. Octávio ficou impressionado.

— Nesta crise, o sr. pode contar comigo, mas não me peça conselhos, presidente, porque eu já dei vários para seu ministro da Fazenda e ele não aceitou nenhum.

Quase meia noite, quando o jantar acabou, Dr. Octávio voltou ao Rio, onde desembarcou às duas da manhã de ontem. Seu expediente havia começado às nove e meia, quando chegou pontualmente na Fundação Getúlio Vargas.